
Crises, Contradições e Caminhos: uma leitura crítica de Crônicas Anticapitalistas

Osmar Fabiano de Souza Filho¹

Léia Aparecida Veiga²

Diante das crises que se acumulam em nossa realidade, como interpretar o capitalismo contemporâneo e as lutas necessárias para superá-lo? Esta é uma pergunta central do livro *Crônicas Anticapitalistas: um Guia Para a Luta de Classes no Século XXI*, publicado no Brasil em 2024 pela Boitempo Editorial.

Nesta obra, Harvey (2024) apresenta uma crítica às contradições do capitalismo em sua fase neoliberal, analisando as crises econômicas, políticas e ambientais que marcam o século XXI. A partir de uma perspectiva marxista, o autor problematiza o esfacelamento das promessas neoliberais, a ascensão do neofascismo da atualidade e a necessidade de construir alternativas socialistas, ancoradas na luta de classes.

Harvey (2024) dialoga com a realidade material ao expor as contradições do sistema e apontar a urgência de um projeto capaz de enfrentar as desigualdades estruturais e os limites ecológicos do capital. Este livro, lançado em um momento de intensificação das crises globais em diferentes frentes, coloca-se como um instrumento teórico e político para aqueles que buscam não apenas interpretar o mundo, mas organizar a luta coletiva na busca por uma nova sociedade.

Em *Crônicas Anticapitalistas*, Harvey apresenta suas análises do capitalismo contemporâneo, marcado pelo aprofundamento de suas crises e pela perda de legitimidade de seu modelo neoliberal. Ao longo do livro, suas reflexões nos desafiam a problematizar tanto a natureza dessas crises quanto os limites de sua própria crítica, à luz de uma perspectiva marxista comprometida com a totalidade das relações sociais e a luta de classes.

O autor identifica o neoliberalismo como um projeto político que emerge para restaurar o poder de classe das elites capitalistas, ameaçado pelas lutas dos trabalhadores e pela crise

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual de Londrina (PPGEO/UEL). E-mail: osmar.fabiano1002@gmail.com.

² Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora Visitante no PPGEO da Universidade Estadual de Londrina/UEL. E-mail: leia.veiga@uel.br.

de acumulação. A promessa de crescimento, estabilidade e progresso econômico e social, no entanto, nunca se materializou para os trabalhadores. Pelo contrário, como pode ser visualizado pós-1970 em países sob a hegemonia do neoliberalismo, a desregulamentação econômica, a privatização e a financeirização, na realidade, aprofundaram ainda mais as desigualdades, precarizaram as condições de trabalho e transformaram direitos sociais em mercadorias acessíveis apenas a quem pode pagar.

Dessa forma, para Harvey, a acumulação capitalista se realiza, cada vez mais, por espoliação: a expropriação de terras, recursos e até mesmo da vida humana, subordinada à lógica do lucro. Aqui, essa perspectiva dialoga com a crítica marxista da acumulação primitiva e sua continuidade histórica no capitalismo. Ele nos leva a refletir que sua ênfase na espoliação, como aspecto central da acumulação contemporânea não ofusca a persistência da exploração do trabalho no processo de produção.

Entendemos que a espoliação e a financeirização são características do capitalismo atual, mas não substituem a extração de mais-valia como fonte da acumulação de capital e da exploração do trabalho. Assim, afirmamos que o capital não rompeu com a produção; ao contrário, intensificou a exploração do trabalho, em condições mais degradantes e muitas vezes utilizando as tecnologias de informação e comunicação nesses processos.

Para Harvey (2024), a crise de legitimidade do neoliberalismo tem início com o colapso financeiro de 2008. Contudo, ele demonstra que essa desorganização do sistema não levou à sua superação, mas à consolidação de novas formas de dominação, com o objetivo de legitimação. Em resposta à crise, o neoliberalismo se rearticulou, agora aliado a regimes neofascistas, como os governos de Bolsonaro no Brasil e Trump nos Estados Unidos. Essa combinação entre políticas neoliberais e discursos reacionários visa manter o poder de classe, ao mesmo tempo que desloca a insatisfação social para narrativas nacionalistas, racistas e autoritárias.

Concordamos com a reflexão, mas observamos que esse processo não é novo na história do neoliberalismo. Pois compreendemos que, desde 1970, o neoliberalismo e o neofascismo são alinhados, seja pela defesa intransigente da propriedade privada, na reordenação social ou por suas experiências práticas ao redor do mundo que utilizaram a violência como linguagem. A experiência do Chile sob Pinochet, com a implementação das primeiras terapias de choque, ilustra como o neoliberalismo emergiu em momentos de crise, sendo imposto de forma autoritária aos trabalhadores, com a colaboração dos Estados do Atlântico Norte e as instituições de Bretton Woods. Ademais, após o fim da URSS, esses mesmos processos se expandiram para os países pós-soviéticos, como a Rússia, e se espalharam pela América Latina, com países como Argentina e Brasil experimentando reformas neoliberais sob regimes que se caracterizavam pela concentração de poder e

restrição das liberdades políticas. Assim, a articulação entre o neoliberalismo e o neofascismo, visível nesses processos, sempre foi um mecanismo estruturante da dominação, consolidado por meio da defesa do mercado e da propriedade privada da classe burguesa, que impôs seu modelo econômico ao conjunto da sociedade (Klein, 2008).

Harvey (2024) nos alerta que a crise atual é estrutural e não apenas uma falha gerencial do capitalismo. O sistema, guiado pela lógica do crescimento infundável, choca-se com os limites ecológicos e sociais. Assim, na atualidade, a crise climática, a urbanização desenfreada e o desemprego estrutural são expressões dessas contradições, que colocam em risco não apenas a sobrevivência das classes despossuídas, mas a própria continuidade da vida humana.

Ao apresentar essas crises como sintomas de um sistema irracional, Harvey (2024) nos convida a pensar além. O autor reconhece a importância e o potencial da luta política, mas também identifica sua fragmentação e falta de direcionamento estratégico na atualidade. Aqui, sua análise nos provoca: como transformar mobilizações espontâneas em organização revolucionária? Como articular as lutas locais com a construção de um projeto socialista que enfrente as contradições do capital em escala global?

No entanto, consideramos que um aspecto ausente em sua análise é a compreensão do socialismo enquanto movimento real. Partimos de que a superação do capitalismo não pode se basear em idealizações ou abstrações, mas sim que devemos olhar para as experiências concretas dos países socialistas, entendendo suas dinâmicas, avanços e contradições, sem romantizações ou reduções.

Somente ao reconhecer essas experiências e analisar suas contradições e avanços seremos capazes de construir um projeto socialista que responda à realidade de nossos países, respeitando suas particularidades históricas, sociais e econômicas. O socialismo, como nos lembra Marx e Engels (2019), é um processo histórico, e não um modelo ideal a ser imposto à realidade. Dessa forma, as experiências da União Soviética, China, Cuba, Laos, Vietnã e Coreia Popular, por exemplo, demonstram como a construção do socialismo exige tanto a direção política centralizada quanto a organização consciente da classe trabalhadora, aliada à defesa do Estado socialista contra o cerco imperialista. Entendemos que ausência dessa perspectiva leva Harvey (2024) a tratar a transição socialista como uma abstração, ignorando a necessidade concreta de tomada do poder político, elemento central para transformar as relações de produção e enfrentar o avanço do capital.

Aqui, vale destacar que Harvey, em sua análise muitas vezes condicionada pelo ponto de vista de um intelectual anglo-saxão, tende a ignorar que o nacionalismo no Sul Global se materializou, em diversas ocasiões, como forma de resistência ao imperialismo do Norte Global. Ao desconsiderar essas experiências, Harvey (2024) acaba reforçando, ainda que de

maneira indireta e sem intenção, um olhar que relativiza as lutas de libertação nacional como elementos centrais no avanço do socialismo no século XX.

Desta maneira, embora ofereça a crítica ao capitalismo e um diálogo com as lutas e necessidades contemporâneas, o livro, por vezes, carece de uma abordagem mais concreta sobre a construção do socialismo como movimento real. Compreendemos que dada a trajetória teórica e militante de Harvey, marcada pelo compromisso com a crítica marxista, esses fatores fortaleceriam ainda mais sua contribuição.

Entretanto, a crítica das crises do capital e da fragmentação das lutas sociais poderiam avançar ao incorporar as lições das revoluções socialistas, que demonstraram a importância da tomada do poder político e da direção organizada na luta contra o imperialismo e pela transformação das relações sociais. Ao reconhecermos as particularidades históricas e materiais de cada realidade nacional, reafirmamos que a construção do socialismo exige não apenas análise crítica, mas também organização e ação concreta capazes de enfrentar as contradições do capital e abrir caminhos para uma outra forma de sociedade.

Dessa forma, Harvey (2024) realiza uma contribuição para a compreensão das crises contemporâneas e suas contradições estruturais. Sua análise do neoliberalismo, marcada pela financeirização, acumulação por espoliação e aprofundamento das desigualdades, evidencia que as crises econômicas, sociais e ambientais não são desvios, mas expressões necessárias da lógica de acumulação do capital na atualidade.

Com as reflexões do autor, é importante ressaltar a aliança entre políticas econômicas neoliberais e regimes autoritários em dias atuais. E isso nos mostra que, mesmo em crise, o sistema capitalista reorganiza suas formas de dominação para manter o poder de classe da classe dominante. Contudo, pelas nossas reflexões, cabe destacar que a superação do capitalismo exige mais do que a denúncia das crises ou o registro das resistências: é preciso engajar a luta pelo projeto socialista e a defesa do socialismo real com suas particularidades históricas.

Harvey nos lembra, com precisão, que o capitalismo é um sistema irracional quanto às relações de produção, mas que opera de maneira sistemática e racional para garantir a acumulação. A tarefa colocada para nós, portanto, é construir as condições objetivas para a transformação revolucionária. Ao compreender as experiências históricas das revoluções socialistas, reafirmamos que a construção do socialismo exige não apenas a crítica, mas a organização da classe trabalhadora.

Ao final, Crônicas Anticapitalistas é um livro muito importante para compreendermos as contradições do capitalismo no século XXI e suas manifestações globais. E suas lacunas deixam para nós a necessidade de avançar além da crítica, construindo na prática um

horizonte socialista que supere as crises estruturais do capital e reorganize a sociedade a partir das necessidades humanas, e não do lucro.

REFERÊNCIAS

HARVEY, David. **Crônicas anticapitalistas**: um guia para a luta de classes no século XXI. Tradução: Artur Renzo. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2024.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque**. A ascensão do capitalismo do desastre. Tradução: Vania Cury. 1. Ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

Recebido: dezembro de 2024.

Aceito: janeiro de 2025.